

O DOSSIÊ LÍSIAS

THE LÍSIAS DOSSIER

Luís Cláudio Ferreira Silva (UEL/UNESP)¹

LÍSIAS, Ricardo. *Inquérito policial*: família Tobias. São Paulo: Lote 42, 2016.

Ricardo Lísias vem se consolidando como um dos escritores com maior visibilidade na literatura brasileira contemporânea, não só pela qualidade de sua obra, mas também pelo que ela provoca. Não é de hoje que sua literatura causa polêmica e incomoda. Desde a publicação de *Divórcio* (2013), e indo até o mais recente *Diário da cadeia* (2017), publicado sob o pseudônimo Eduardo Cunha, seus livros têm causado as mais diversas reações, nem sempre positivas.

Divórcio (2013) foi lido por muitos como um romance vingativo, uma espécie de revide de um escritor contra a própria ex-mulher, sob o pretexto de uma traição por parte dela, enquanto cobria o Festival de Cannes para um jornal paulistano. Essas vozes que se levantaram contra o romance esqueceram de que o livro se trata de uma autoficção, subgênero romanescos que possui, entre outros elementos, uma mistura imbricada entre ficção e realidade, tendo como narrador-protagonista um sujeito que possui, além de características gerais, o mesmo nome do autor.

O delegado Tobias (2015), por sua vez, recebeu várias reclamações de leitores porque o livro, disponível apenas na versão digital, vinha com problemas trazendo textos pela metade, recortes de jornal incompletos etc. Tudo isso, na verdade, fazia parte da estrutura da obra.

O próprio autor já havia se pronunciado a respeito da “postura” de sua criação literária. Segundo ele, há um projeto bem definido por trás das concepções

¹ Professor temporário do curso de Bacharelado em Língua Francesa da Universidade Estadual de Londrina/PR e doutorando ligado à linha de pesquisa Literatura e Tempo Presente do programa de Estudos Literários da UNESP, campus de Araraquara/SP. E-mail: luisliteratura@hotmail.com.

artísticas que realiza, pois pretende fazer algo relevante para o tempo que em vivemos. Lísias não tem um compromisso com outros tempos senão o presente, procurando uma literatura que não seja inofensiva, buscando “através da linguagem literária, de meios estéticos, produzir objetos que sejam relevantes, que sejam incômodos, que sejam difíceis e que signifiquem alguma coisa para o nosso tempo” (LÍSIAS, 2015b).

Não foi diferente com *Inquérito policial: família Tobias* (2016), a mais recente autoficção de Lísias - as outras são *O céu dos suicidas* (2012), *Divórcio* (2013), *O delegado Tobias* (2015), *Concentração e outros contos* (2015c). O próprio formato do livro, encadernado como uma espécie de dossiê, com documentos utilizados em um processo, causa um incômodo em quem está acostumado com o formato tradicional de edição de livros.

Assim como nos romances autoficcionais que o precedem, a força do real, sobretudo de elementos fortemente biográficos, está presente em *Inquérito Policial: família Tobias* (2016). A própria concepção da obra se deve diretamente por um fato ocorrido com o escritor. Em 2015, Ricardo Lísias foi denunciado ao ministério público por ter supostamente falsificado documentos oficiais no seu livro *O delegado Tobias* (2015). Uma denúncia equivocada: o documento escrito pelo autor fazia parte de seu livro, portanto, de um universo ficcional. Ou seja, ele não falsificou o documento, mas o inventou – são coisas distintas. Contando com apoio de professores e jornalistas, o autor acabou sendo, felizmente, absolvido.

Essa narrativa, publicada em cinco fascículos apenas em formato e-book, acaba se tornando uma espécie de apoio, ou introdução, aos leitores que se arriscam a ler o *Inquérito policial: família Tobias* (2016), pois essa última não existiria sem aquela. Na narrativa do livro digital, há dois escritores chamados Ricardo Lísias. Um deles acusa o outro de roubar as ideias literárias dele. Um deles é morto e o Lísias que sobrou é julgado e condenado à prisão.

Várias figuras públicas aparecem no livro, como Pedro Meira Monteiro, professor da Universidade de Princeton e Leyla Perrone-Moysés. Ambos são chamados a depor a favor do personagem principal. Mas Lísias é preso e os autos do processo constam no livro.

O problema é que a história chegou à justiça e o Ministério Público não entendeu a brincadeira autoficcional. Abriu inquérito contra o autor com a alegação de falsificação de documentos. Em entrevista concedida a Artur Rodrigues da Folha de São Paulo, Lísias se defendeu dizendo “Eu não falsifiquei o documento, eu inventei o documento [...] A literatura foi para a página policial. Agora, virou realidade” (RODRIGUES, 2015).

Professores e especialistas foram chamados a depor e conseguiram provar ao Ministério Público que se tratava de uma obra de ficção, especificamente uma obra autoficcional, e explicaram o termo e suas derivações. A Polícia Federal já havia afirmado que não julga escritores por suas obras de ficção. Mas o problema é que houve um recorte da ficção. Não se analisou a obra como um todo. Sequer perceberam que o juiz nomeado no documento de condenação do personagem Lísias não existe e que sua obra era vendida pelos sites como uma obra ficcional.

Inquérito policial: família Tobias (2016) é, então, uma ficção baseada nos desdobramentos desse processo que aconteceu na vida real. A estrutura do livro é

totalmente fragmentada: há documentos como portaria, entrevistas, matérias de jornal, recibos, notas fiscais, bilhetes de viagem, e-mails, telegramas, relatórios, cartas, termos de declaração, mensagens de *whatsapp* etc.

Dentro do plano da ficção, descobre-se que os editores da *Lote 42*, editora de São Paulo, é que fizeram a denúncia ao ministério público, sob o pretexto de ajudar o escritor a cumprir o contrato que tinha com a editora. Lísias estaria passando por um momento de crise na criação literária, e a denúncia contra ele poderia fazer com que o escritor paulistano voltasse a escrever e publicasse um novo livro, cumprindo assim seu contrato com o editor João Cezar Varella.

Uma das características da obra autoficcional de Ricardo Lísias, que aparece com destaque em *Inquérito policial: família Tobias* (2016) é o discurso metaficcional, recurso raramente encontrado em outras obras do gênero publicadas no Brasil. Em vários momentos, o autor chama a atenção para a ficcionalidade do texto que está escrevendo.

Por exemplo, no depoimento que dá à polícia, João Cezar Varella, editor da *Lote 42*, mostra que tudo aquilo que estão vivendo não passa de ficção. O delegado não entende que tudo se passa no âmbito ficcional e que aquele diálogo mesmo é parte de um livro de ficção. O interrogado, então, para provar sua afirmação, mostra a ficha catalográfica do livro do qual eles participam.

O autor Ricardo Lísias, quando interrogado dentro da diegese, também corrobora as afirmações do réu, dizendo que a denúncia foi apenas em caráter ficcional e que a cena desenvolvida por eles está sendo lida, naquele exato momento, por um leitor.

Inquirido a respeito da Notícia de Fato n 123.376.2373849/2016-46: RESPONDEU QUE é autor da denúncia, mas apenas no âmbito da ficção; QUE inquirido que âmbito seria esse, afirmou que o desse livro que o leitor tem em mãos, mas não uma Delegacia de Polícia Federal [...] QUE inquirido se não deve aceitar que quem determina o que é e o que não é suficiente é essa autoridade policial, respondeu que em sua obra de jeito nenhum; QUE inquirido das razões disso, afirma que só ele decide o que deve entrar ou não em sua obra e de jeito nenhum a polícia ou a justiça (LÍSIAS, 2016).

Um dos elementos inovadores de Lísias, que começou a aparecer mais fortemente no romance anterior, também aparece aqui: a incorporação de matérias e notícias que saíram em jornais e na internet. Um dos anexos do livro é uma matéria que saiu na *Folha Ilustrada* em 2014 sobre a promoção feita pela editora durante a Copa do Mundo de futebol disputada no Brasil.

Ninguém esperava o massacre ocorrido no jogo desta terça (dia 8), mas poucos apostaram tanto na vitória do Brasil quanto os donos da Lote 42. A pequena editora prometeu, em sua loja virtual, desconto de 10% em seus livros, durante 24 horas, para cada gol tomado pela seleção no jogo contra a Alemanha. Após a surra por 7 a 1, a editora manteve a promessa e deu 70% de desconto. A superpromoção gerou intenso

burburinho nas redes sociais. Três horas após o fim da partida, todo o estoque da editora, cerca de 2.000 livros, estava esgotado. A Lote 42 vem fazendo essa promoção em todos os jogos do Brasil na Copa. Como a seleção não tomou mais do que um gol nas partidas anteriores, os descontos não tiveram muita repercussão (FOLHA ILUSTRADA, 2014).

É um documento que ajuda a provar o interesse da editora *Lote 42* em processar Lísias, e assim ajudá-lo a escrever um novo romance. Com o prejuízo tomado por esses setenta por cento de desconto, eles procuraram cobrir o rombo com a possível venda do novo livro de Ricardo Lísias.

Lísias não usa “apenas” o espaço tradicional da obra impressa. Utiliza também outros elementos, como documentos, e-mail, publicações no *facebook* etc. Isso pode ser lido como uma estratégia comercial, usando outros elementos e espaços para divulgar a obra com paratextos que ajudariam a inserir o leitor na trama. Contudo, Vieira (2016) acredita que esse projeto do escritor vai além. Segundo ele, trata-se de uma estratégia que se utiliza de “espaços escriturais”, pois faz parte de um complemento da própria obra, um projeto literário em andamento. Esses elementos não são extratextuais e sim intratextuais. Não se trata apenas de documentos complementares, mas de documentos essenciais na construção das tramas, tanto de *Delegado Tobias* (2015) e *Inquérito policial: família Tobias* (2016).

Esse último é mais um passo na assinatura autoficcional de Ricardo Lísias. Se buscarmos os livros de autoficção publicados no Brasil nesse século, não há nenhum outro escritor que tenha publicado tantos livros desse gênero como Lísias. Um outro fator deve ser ressaltado. Salvo engano, excetuando os livros *Tijucamérica: uma pornochanchada fantasmagórica* (2015), de José Trajano, e *Brochadas: confissões sexuais de um jovem escritor* (2015), de Jacques Fux, não há outras obras autoficcionais que sejam autorreferenciais, ou seja, que contenham elementos metaficcionais.

Com esse romance, Lísias inscreve mais uma obra que embaralha realidade e ficção, utilizando-se de recursos também já conhecidos de seus leitores: a ironia, a acidez e a metaficção, inserindo sua literatura naquilo que ele mesmo chamou de literatura incômoda, ou literatura de resistência (LÍSIAS, 2015b).

REFERÊNCIAS

CUNHA, Eduardo (pseudônimo). *Diário da cadeia*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

FUX, Jacques. *Brochadas: confissões sexuais de um jovem escritor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ILUSTRADA, Folha. *Com desconto de 70% em livros após derrota do Brasil, editora esgota estoque em três horas*. São Paulo: Folha UOL, 07 set 14. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/07/1483367-com-desconto-de-70->

em-livros-apos-derrota-do-brasil-editora-esgota-estoque-em-tres-horas.shtml>.
Acesso em: 10 de setembro de 2017.

LÍSIAS, Ricardo. *Concentração e outros contos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015c.

_____. *Divórcio*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013.

_____. *Delegado Tobias*. São Paulo: E-galaxia, 2015.

_____. *Inquérito policial: família Tobias*. São Paulo: Lote 42, 2016.

_____. *Ricardo Lísias: Encontros de Interrogação*. Conexões, Itaú Cultural, 2015b. Disponível em: <<http://conexoesitaucultural.org.br/encontros-de-interrogacao/a-literatura-de-ricardo-lisias/>>. Acesso em: 10 mar 2017.

_____. *O céu dos suicidas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2012.

RODRIGUES, Artur. *Obra de ficção cria "liminar" e vira alvo de investigação da PF*. 11 de setembro de 2015. São Paulo: Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/232596-obra-de-ficcao-cria-liminar-e-vira-alvo-de-investigacao-da-pf.shtml>>. Acesso em 13 de março de 2017.

TRAJANO, José. *Tijucamérica: uma chanchada fantasmagórica*. São Paulo: Paralela, 2015.

VIEIRA, William. *Pacto com o diabo: Divórcio, de Ricardo Lísias, como manual para compreender a autoficção contemporânea*. Brasília: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, maio-agosto de 2017.

RESENHA RECEBIDA EM 10/10/2017 E APROVADO EM 13/10/2017